

**REPRESENTAÇÕES DE LÍNGUA EM PROFESSORES BRASILEIROS
MIGRANTES: UMA QUESTÃO DE IDENTIDADE**

Jully LIEBL

(Orientadora): Profa. Dra. Maria José Rodrigues Faria Coracini

RESUMO: Este trabalho de iniciação científica, intitulado “Representações de língua em professores brasileiros migrantes: uma questão de identidade”, insere-se no projeto “A suposta uni(cidade) da língua materna: entre a memória e o esquecimento”, orientado pela Profa. Dra. Maria José Coracini. Nosso objetivo é observar, através de entrevistas, as representações que professores migrantes no estado de São Paulo e que lecionam língua portuguesa têm de língua, identidade nacional e de si mesmos enquanto professores.

Palavras-chave: 1. Lingüística Aplicada, 2. Identidade, 3. Sujeito, 4. Discurso, 5. Ensino

Apresentação

A partir de entrevistas, tidas como informais, com professores migrantes de língua portuguesa no estado de São Paulo, pretendemos refletir sobre a identidade desses e as conseqüências que ser migrante pode, ou não, trazer para o lugar que ocupam como professores.

O *corpus* é constituído de entrevistas que foram feitas com pequenas perguntas que deixassem os entrevistados livres para falar e que fossem feitas da maneira mais espontânea possível, seguindo o padrão de narrativa-relato. Depois, as entrevistas foram transcritas para que fossem analisadas.

Para esse estudo nos apoiamos em teorias que discutissem a concepção de identidade, identidade nacional, sujeito, língua e ensino (privilegiando abordagens sobre professores de língua materna). Também, nos aprofundamos na análise do discurso e na psicanálise para realizar as análises.

Reflexões teóricas

Dedicamo-nos ao estudo das concepções de identidade e língua, com o objetivo de observar, no *corpus*, as representações que permeiam o dizer de professores migrantes e discutir a suposta unidade da língua portuguesa no Brasil. A seguir, pretendemos expor algumas reflexões resultantes de nossas leituras e discussões.

Em “*A identidade cultural na pós-modernidade*”, Stuart Hall traz três concepções de identidade: a do sujeito do Iluminismo, a do sujeito sociológico e a do sujeito pós-moderno. No período do Iluminismo, o sujeito era visto como centrado, unificado, racional, voltado para si mesmo, pois se acreditava que ele tinha um centro essencial e que sua identidade - que nascia com ele - permanecia a mesma até o final de sua vida.

Na noção de sujeito sociológico, o sujeito não é autônomo nem auto-suficiente; é influenciado pelo mundo moderno e se desenvolve na interação do interior com o exterior, estando, assim, “costurado”, unificado à estrutura social e estabilizado por ela. Neste caso, a identidade é concebida como uma soma de “identidades” adquiridas ao longo da vida do sujeito e que ele poderia usar quando e como quisesse (num momento assumiria a identidade de mãe, no outro a identidade de professora, em outro, a de mulher e assim por diante).

Já na pós-modernidade, a identidade do sujeito é vista como híbrida e flexível. O sujeito não possui uma identidade fixa, não permitindo a existência de um “eu” unificado. E como a identidade é formada e transformada constantemente, podendo ser constituída de identidades contraditórias, a identidade está sempre sendo deslocada, desestabilizada. Assim, ela constituiria um processo sempre em “desconstrução”.

A palavra “desconstrução”, criada por Jacques Derrida, propõe a impossibilidade de sair de uma cultura, como podemos observar, num processo migratório: o migrante, não abandonará a cultura local, de “seu” estado e cidade, mesmo que esse seja o seu desejo, pois aquela cultura o constituiu e ainda o constitui. É possível apenas se deslocar entre culturas diferentes, sendo constituído por todas elas. A palavra “desconstrução”, embora seja, por vezes, empregada no lugar de destruição, não pretende o abandono da epistemologia ocidental, caracterizada pela racionalidade, pelo pensamento dicotômico e busca da consciência e da verdade, já que nela nos inserimos e nela nos constituímos enquanto sujeitos. Pretende, sim, problematizar o que parece natural e evidente na cultura ocidental.

Derrida, em “*O monolinguismo do outro: ou a prótese da origem*”, assume identidade como perturbação, e não, como a somatória de características que distinguem os indivíduos ou as culturas. Assim, a identidade não é nem uma soma de todas as possíveis “identidades” que o sujeito acumularia ao longo de sua vida nem identidades-cabide (Bauman, 2004) que o sujeito usaria de forma consciente, na medida de seus interesses e necessidades (concepção sociológica). Cada experiência de vida (por exemplo, o processo de migração) perturba e desestabiliza o sujeito, transformando sua identidade, sem eliminá-la, levando-a sempre à “desconstrução” e não à destruição, uma vez que “velho” e “novo” continuam convivendo.

Julgamos relevante pensar no deslocamento provocado pelo processo migratório no que diz respeito tanto (1) à identidade nacional, questionando sua suposta homogeneidade - afinal, todos brasileiros são iguais? - como (2) à, também supostamente una, língua portuguesa ensinada nas escolas - falamos/ensinamos/aprendemos todos o mesmo português?

Em “O monolinguismo do outro”, ao narrar sua experiência de vida escolar, Derrida, argelino de origem, expõe como a escola afetou sua concepção de língua. Graças à contribuição da escola - cujos professores são, como afirma o autor, os vigilantes da língua pura - que tudo fez para que ele adquirisse o gosto pela pureza da língua, pela língua francesa-padrão, ele não suporta ou não admira outro francês que não seja o francês puro, castiço, defendendo-o acirradamente, como se fosse de fato francês, ou mais até do que os nativos da metrópole.

Desse modo, destacando o modelo de professor e de escola como os legítimos guardiões da língua, é possível compará-lo aos aparelhos ideológicos do Estado, de Althusser (1970), o autor vê a escola como um aparelho ideológico, que torna homogêneos os sujeitos que dele fazem parte. Acreditamos, a partir da análise das entrevistas, que a noção de identidade nacional, presente em nossa sociedade e difundida nas escolas, também pode ser vista como uma forma de agrupar e homogeneizar, consequência da ação dos chamados aparelhos ideológicos do Estado.

Sabemos que a noção de identidade nacional traz a idéia de unificação: por mais diferente que cada habitante de determinado país possa ser, a identidade nacional os representa como um todo. Assim, podemos dizer que ela é uma estrutura de poder cultural, pois, forçosamente, tenta incluir todos num mesmo padrão, impõe uma hegemonia e uma generalização. Por esses motivos, Hall afirma que não devemos entendê-la como uma unificação e, sim, como um discurso, que constitui o sujeito e é constituído por ele, para representar uma unidade, já que estão presentes, numa mesma cultura nacional, inúmeras diferenças de gênero, classe social, dentre outras, diferenças que sempre estarão presas a jogos de poder, contradições e conflitos.

Com relação às diferenças, Saussure argumenta que apenas nos localizamos dentro de uma língua que preexiste a nós e, assim, não nos expressamos originalmente e reavemos significados já embutidos no sistema cultural da nossa fala; não somos, portanto, autores do nosso dizer.

Segundo Hall, Saussure é responsável por um dos descentramentos que levaram à concepção de identidade do sujeito pós-moderno, pois, para o considerado fundador da Linguística enquanto ciência, o significado de uma palavra é definido pelo que ela não é; por exemplo, uma cadeira é uma cadeira, porque não é uma mesa; assim, a definição de algo é sempre dada pela relação de alteridade; do mesmo modo, o gaúcho é definido por não ser catarinense, não

ser paranaense, por não ser o outro. O “eu” é descentrado, pois o foco deixa de ser o próprio sujeito e passa a ser o que ele não é, ou seja, o outro.

Vale ressaltar que Saussure descarta a presença do sujeito das preocupações no campo dos estudos lingüísticos, pois o sujeito é apenas usuário de um código: ele não é constituído pela língua, ao mesmo tempo em que constitui a língua; ele não significa, resignifica, interpreta de formas diferentes a mesma expressão; para Saussure, o significado é fixo e a língua deve ser estudada como código social, desconsiderando “marcas” individuais, que inviabilizariam uma análise científica.

Saussure aponta a preexistência da língua, anterior, portanto, a nós, ao mesmo tempo em que contradiz os dois esquecimentos postulados, posteriormente, por Pêcheux: o primeiro esquecimento seria o de que não temos controle sobre o nosso dizer, excluindo, assim, o inconsciente; e o segundo, de que não temos controle sobre os sentidos do nosso dizer. Pêcheux, que se coloca na perspectiva discursiva, defende que o significado, atribuído ao que dizemos, não é fixo, podendo perfeitamente não ser aquele que queríamos, e que a língua não é uma estrutura sedimentada, como defendia Saussure. Segundo Orlandi, em “*Análise de discurso: princípios e procedimentos*”:

Nos estudos discursivos, não se separam forma e conteúdo e procura-se compreender a língua não só como estrutura mas sobretudo como acontecimento. (Orlandi, 1999)

Tal afirmação reafirma a relação entre língua e sujeito, pois a língua é modificada a partir do sujeito e este, também, a partir dela, sofre alterações em sua constituição identitária. A língua não é uma simples estrutura que se repete: ela está sempre acontecendo, significando e sendo interpretada em um determinado contexto histórico. Por essa razão, a língua está em constante movimento, o que faz com que, ao narrar sua história, os entrevistados estejam interpretando as próprias memórias, pois, para que ocorra a lembrança, faz-se necessário o esquecimento; isso justifica a constatação de que, quando se retoma um “fato” passado, outra significação venha à tona. É a partir dessa concepção de língua(gem) que as entrevistas, que constituem o *corpus*, foram analisadas.

Análises

O primeiro entrevistado (doravante E1) é pernambucano e vive em Campinas há quatro anos, ele é formado em Letras e, atualmente, é aluno da pós-graduação. Ele lecionou no estado de São Paulo numa faculdade particular e ministrou cursos de formação continuada para professores do ensino público.

O segundo entrevistado (doravante E2) é do sexo feminino; nasceu no Rio Grande do Sul e está em Campinas como aluna de pós-graduação. E2 lecionou num projeto de alfabetização para alunos do ensino fundamental; atuou, também, no estágio docente para alunos da graduação do curso de Letras e participou como professora do curso de formação continuada para professores da rede pública.

As duas entrevistas são bastante diferentes: numa, o sujeito afirmou e discutiu muitas vezes o fato de ter dado aula de português no estado de São Paulo, enquanto, na segunda, encontram-se poucas referências ao ambiente educacional e ao fato de ser migrante.

Freqüentemente, E1 se diz preparado para enfrentar qualquer preconceito em relação à sua origem nordestina:

não eu não sei se eu me sentia mal / eu acho é assim eu não me sentia mal talvez porque a minha formação / tenha sido muito voltada pra questão da variação

Nessa fala, percebe-se que existe certa resistência em aceitar a existência de preconceito. Resistência essa, conforme Foucault, que existe porque há relações de poder, já que, segundo o filósofo, onde há poder há resistência. No caso de E1, podemos interpretar o poder como sendo a língua-cultura do lugar em que ele se encontra no momento da entrevista e a resistência ao preconceito, como o desejo de se posicionar no mesmo patamar dos paulistas. Mas, o fato de oferecer, a todo o momento, a justificativa de ter uma formação voltada para a questão da variação lingüística já denuncia a existência do preconceito, impregnado em sua subjetividade. Assim, apesar dessa resistência, percebe-se, no decorrer de seu relato, que o preconceito o persegue e o faz sofrer:

e todas / a formação de professor no teia do saber que eu participei dois anos // abri a boca / os professores se assustam um pouco assim / como é que um nordestino com esse sotaque vai tá dando aula de / língua portuguesa? / então aí tem um

Na entrevista, o sujeito não termina a frase; podemos, porém, identificar como complemento da frase “aí tem um” a palavra preconceito ou algo que se assemelhe à percepção negativa de uma diferença lingüística, notada pelos alunos. Destacamos, ainda, a escolha do “aí tem um” que mostra a suspeita da existência de algo provocado pelo fato de o professor de língua portuguesa ser migrante.

Porém, ser professor migrante para E1 apresenta, também, vantagens para seus alunos, no sentido de ter a possibilidade de conviver com a diferença lingüístico-cultural, o que é sempre uma experiência enriquecedora e educativa:

então isso gerava eu acho era até um conflito assim interessante pra poder ajudar a aprendizagem

Contudo, quando o sujeito E1 mostra o fato de ser migrante como uma vantagem, ele aponta, apenas, vantagens pedagógicas e se afasta enquanto falante dessa língua, isto é, em nenhum momento do relato, ele se pronuncia sobre as vantagens de ser migrante.

Os sujeitos também reconhecem a existência de uma relação corpo-língua, pois reproduzem, no corpo e com o corpo (nos exemplos, através do sotaque), a língua do lugar de origem; tal reprodução é percebida pelos outros. No sujeito E1, observamos o seguinte:

you tinha que ficar / os r you tinha que marcar o a aberto fechado e aí you era chamado / como se tivesse pronunciando o nome da pessoa errado / é essa marca de identidade (...) mas toda vez a chamada era uma coisa assim que / you estava se expondo a cada paLAvra e you via a reação das pessoas

Nesse recorte, E1 admite o estranhamento por parte do aluno, pois reconhece que estava na posição de objeto exposto (*you estava se expondo a cada paLAvra e you via a reação das pessoas*). Segundo o dicionário Aurélio, “expor” significa, dentre vários sentidos, apresentar em exposição, tornar evidente, exibir. Portanto, interpretamos o uso do verbo “expor” como uma indicação da exibição de algo individual e diferente de quem o observa: o sotaque nordestino.

No dizer de E2, a relação corpo-língua é percebida em:

e quando eu vim pra cá né? as pessoas marcavam muito you é do sul you é gaúcha mas como é que essas pessoas sabem? / está escrito na minha cara? [risos] né? é só abrir a boca e né?

Nesse trecho, há a relação explícita entre a língua do sujeito e seu corpo. Pelo sotaque, as pessoas a identificavam como gaúcha, da mesma forma que E1 era identificado como nordestino. O estranhamento sentido pelo outro, dentro da sala de aula, é só percebido por E2 enquanto lecionava num projeto de alfabetização para crianças do ensino fundamental:

as crianças desse projeto de alfabetização dizem que falava muito esquisito [risos] / é: mas não vi nenhuma representação negativa nisso

Apesar de ser um estranhamento, esse é interpretado por E2 como indiferente, já que não via nenhuma representação negativa e não menciona nada positivo, devido ao fato de ser um professor migrante.

Conclusões

Como o projeto está em andamento, temos, apenas, as primeiras conclusões parciais.

Observamos que o preconceito em relação ao professor de língua portuguesa migrante está presente nas entrevistas: muitas vezes, ele não é admitido, mas à medida que o entrevistado vai narrando suas experiências, resvalam – de forma consciente ou inconsciente – “fatos” que envolvem o preconceito.

O estranhamento percebido pode, também, ser interpretado como positivo ou negativo; o sujeito pode usá-lo a seu favor e dos outros, como o professor citado que define como uma vantagem educativa ter outra origem que não a mesma de seus alunos.

Fica claro, também, a partir dos registros analisados, que o Brasil não pode ser considerado um país monolíngüe, já que dentro dele, migrantes percebem-se entre línguas, além de sentirem um estranhamento – por vezes, um sentimento de inferioridade não revelado – perante os habitantes da região em que se encontram no momento da entrevista - São Paulo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALTHUSSER, Louis (1970). *Aparelhos Ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE)*. Trad.: Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- BAUMAN, Zygmunt (2004) *Identidade*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- CORACINI, Maria José (2007). *A Celebração do Outro: Arquivo, Memória e Identidade*. Campinas: Mercado de Letras.
- DERRIDA, Jacques (1996). *O monolíngüismo do outro: ou a prótese de origem*. Trad.: Fernanda Bernardo. Porto: Campo das Letras, 2001.
- HALL, Stuart (1992). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guaraciara Lopes Louro. 9ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- NAFFAT NETO, Alfredo (1985). *O inconsciente: um estudo crítico*. São Paulo: Editora Ática, 1988.
- NIETZSCHE, Friedrich (1880). *A vontade de poder*. Trad. Isabel Henninger Ferreira. Porto: Rés-Editora, 2004.
- ORLANDI, Eni (1999). *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 6ª Ed, 2005